



---

## CONTEXTUALIZAÇÃO

A ocupação do design da informação com o planejamento e a configuração do conteúdo de uma mensagem e do ambiente no qual ela é apresentada é fundamentada na intenção de tratar das necessidades informacionais nas interações comunicativas, segundo a Sociedade Brasileira de Design da Informação (2020). A definição proposta pela SBDI demonstra o entendimento atual da prática e do pensamento dessa área do design e explica a importância da ampliação de investigações tanto sobre os processos humanos de aquisição da informação, quanto sobre os suportes nos quais a informação pode ser configurada.

Como contribuição para esse debate, demarcamos neste capítulo dois pontos de inflexão. Para o primeiro, sobre os processos humanos de aquisição da informação, propomos

o alargamento da abordagem da percepção sensorial humana no design, que é aqui posta como ferramenta de interpretação capaz de garantir a aquisição da informação. Tal sugestão surge da inquietação acerca da influência preponderante da visão em detrimento das demais modalidades sensoriais e investiga possibilidades de consideração destas, especificamente neste estudo, por meio da investigação de aproximações e distanciamentos entre a informação adquirida pelo uso predominante da visão *versus* a informação adquirida pelo uso predominante da somestesia – na subcategoria tato; no segundo ponto, destacamos o suporte sobre o qual a informação pode ser configurada, encarando que os materiais utilizados para fabricação de artefatos podem ser entendidos como elementos compositivos, do próprio artefato ou mesmo do ambiente no qual está inserido, e assumimos o pressuposto de que esses materiais carregam um valor informacional em si e sobre si mesmos e, com isso, podem contribuir para a construção de um discurso intencional. Nesse ínterim, propomos, então, a observação dos materiais especificados por designers como suporte para a informação tratada.

Quando debatemos a aquisição da informação a partir da inter-relação entre o ambiente/o artefato e o sujeito mediada pela percepção sensorial humana, consideramos que o sujeito é o único capaz de validar se o conteúdo que recebe é de fato informação, como proposto por Freitas, Waechter e Coutinho (2013). Considerando o objeto de estudo desta pesquisa como sendo uma categoria de elementos potencialmente detentores de informação, destacamos que entender se há um caráter informacional nos materiais em estudo só se torna viável a partir da compreensão do que e de como pode ser perceptível sensorialmente pelo indivíduo.

---

## PERCEPÇÃO SENSORIAL E AQUISIÇÃO DA INFORMAÇÃO

A maneira como nós, seres humanos, compreendemos o mundo que nos cerca se configura em um conjunto complexo de habilidades articuladas entre si. Tais habilidades permitem a inter-relação entre as pessoas e os espaços que elas vivenciam, sendo tema de crescente interesse para a pesquisa científica. O campo do design não fica de fora da busca

pelo conhecimento de tais questões, e essa inclinação pode ser justificada pelo caráter multidisciplinar do design associado à sua atuação constantemente focada na melhoria da qualidade de vida das pessoas. Para iniciarmos essa abordagem, pautada nos conhecimentos das neurociências, é indispensável a explicitação de dois conceitos comumente confundidos: o conceito de sensação e o conceito de percepção.

Lent (2010) afirma que, para as neurociências, a sensação é a capacidade dos animais de codificar, em impulsos nervosos, aspectos da energia física e química que os circunda, ou seja, transformando os estímulos recebidos em informação sensorial. Esse processo se dá a nível fisiológico e permite a existência dos sentidos. Já a percepção é um nível mais complexo, no qual parte<sup>01</sup> dessa informação sensorial é filtrada<sup>02</sup> e atinge nossa consciência. O autor a define como sendo “a capacidade de vincular os sentidos a outros aspectos da existência” (LENT, 2010, p. 185), como o comportamento e o pensamento (no caso do ser humano). Enquanto função, é a percepção que possibilita a associação de informações sensoriais tanto à memória quanto à cognição. O contínuo dessas funções formula no indivíduo os conceitos sobre o mundo e sobre ele mesmo, orientando o seu comportamento.

O sistema nervoso é comumente dividido em dois sistemas principais. São eles: o sistema nervoso central, que reúne as estruturas situadas dentro do cérebro e da coluna vertebral, e o sistema nervoso periférico, que reúne as estruturas distribuídas pelo organismo. Os sistemas central e periférico, por sua vez, são constituídos por dois tipos celulares: neurônios – unidades sinalizadoras morfofuncionais fundamentais; e gliócitos – unidades de apoio, com função transmissora, realizada por dendritos e axônio (LENT, 2010). De acordo com a teoria

---

01 A percepção é, portanto, apenas uma das consequências da sensação, que, por sua vez, dá outras utilidades às informações sensoriais que não atingem o nível de consciência (LENT, 2010).

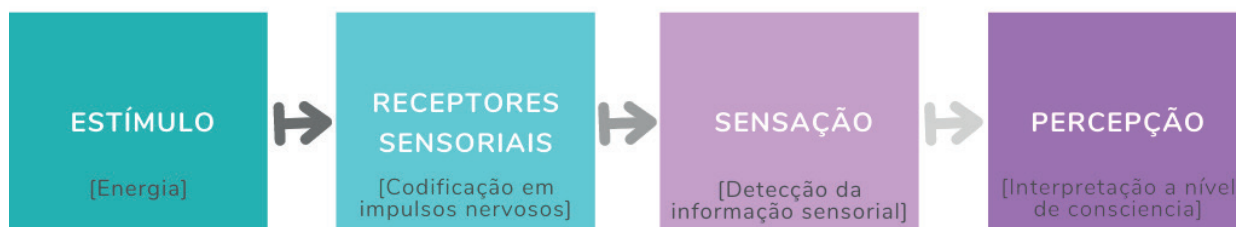
02 Esses “filtros” são mecanismos de fora do sistema sensorial, como atenção e emoção, que excluem as informações sensoriais julgadas como irrelevantes (LENT, 2010).

localizacionista<sup>03</sup>, os neurônios são agrupados em conjuntos funcionais, localizados em regiões restritas, mantendo conectividade e interação entre si, configurando os circuitos ou as redes neurais. O autor explica que o sistema nervoso, por meio de receptores sensoriais distribuídos pelos tecidos do organismo – pele, músculos, ossos e articulações, vísceras e outros tecidos, capta as informações, em formas de energia, produzidas no ambiente ou no próprio organismo, e as traduz em impulsos bioelétricos, que são a linguagem do sistema nervoso.

Explicitamos, portanto, que a percepção sensorial é aqui entendida como um processo que tem início na incidência de energia, em suas mais diversas formas, sobre as interfaces existentes entre o corpo e o ambiente no qual este está inserido. No corpo humano as interfaces estão nos receptores sensoriais: são as células que traduzem a linguagem do ambiente (estímulos) para a linguagem do sistema nervoso. A interpretação final da informação, portanto, é o que caracteriza a percepção (NOGUEIRA, 2011). O esquema apresentado na Figura 1 representa o fluxo do processo descrito.

Figura 1 Esquema simplificado do fluxo do processo de percepção.

Fonte: adaptada de Nogueira (2011).



De acordo com Lent (2010), o processo da percepção, em determinado momento, ultrapassa as estruturas do sistema sensorial, envolvendo outras funções do sistema nervoso; assim, “tudo que é percebido pela mente é sentido pelo corpo de algum modo, mas nem tudo

.....  
03 Lent (2010, p. 24) explicita que, ao longo da história das neurociências, pesquisadores vivenciam um confronto filosófico no entendimento de como as funções neurais estão representadas no tecido cerebral. Com visões opostas dividindo-se entre globalistas e localizacionistas “discutia-se se as funções neurais estariam representadas simultaneamente em todas – ou pelo menos em muitas – regiões cerebrais, ou então se cada uma delas estaria representada em uma região específica”.

que é sentido pelo corpo atinge a percepção” (p. 612). O processo é, portanto, participante do sistema de habilidades utilizadas para compreensão dos ambientes e, assim, parte relevante na comunicação (LENT, 2010; DAMÁSIO, 2000).

Os receptores sensoriais definem o que chamamos, até aqui, de sentidos. Lent (2010) acrescenta que, para além dos sentidos clássicos (visão, audição, sensibilidade corporal ao toque, olfação e gustação) detectados pela superfície corporal, há a habilidade de detecção de sutilezas que ocorrem visceralmente, como mudança de temperatura do sangue ou da pressão. Modalidade sensorial é o termo técnico para o que conhecemos popularmente como sentidos, estes que são responsáveis pela captação no processo de interpretação que o cérebro humano faz em suas relações interpessoais ou do ambiente em que se encontra. São cinco as modalidades sensoriais clássicas, neste capítulo trataremos de duas delas: a visão e a somestesia.

---

## DA VISÃO

Possibilitada pela luz (energia eletromagnética), a visão tem diversas submodalidades, como: a visão das cores, a detecção da intensidade da luz e do brilho, a detecção de formas, a detecção de movimentos (LENT, 2010). A visão se dá em um processo rápido e complexo, desde as funções até as configurações de ajustes exercidas por seu órgão receptor, o olho. Em resumo, a imagem é formada na retina, provocando impulsos nervosos que se estendem até o cérebro, onde o processo se finaliza em uma representação da imagem captada (NOGUEIRA, 2011). A autora afirma que esse é o sentido favorito dos seres humanos. Uma das habilidades que contribuem para esse favoritismo é destacada por Ching e Binggeli (2019) que explicam que dentro do campo visual alcançável, “nossos olhos se movem continuamente, varrem, focam e refocam para encontrar informações visuais” (CHING; BINGGELI, 2019, p. 92). Há, na visão, uma capacidade de alcançar o que não está diretamente em contato com o corpo, dando a habilidade de exploração do ambiente.

Pallasmaa (2011) comenta sobre a velocidade com a qual a visão nos permite captar informações das mais diversas e, quando aliada

à memória, possibilita até mesmo “sentir” texturas. Em uma crítica à hegemonia da visão e às implicações envolvidas, o autor comenta: “A hegemonia gradualmente obtida pelos olhos parece ter paralelo com o desenvolvimento da consciência do ego e do paulatino afastamento do indivíduo do mundo; a visão nos separa do mundo, enquanto os outros sentidos nos unem a ele” (p. 24).

---

## DA SOMESTESIA

Somestesia (popularmente conhecida por tato) é a única modalidade ativada por diferentes formas de energia, a saber: mecânica, térmica e química. Somestesia equivale à sensibilidade corporal e inclui toda sensação proveniente da estimulação da superfície e do interior do corpo. Algumas submodalidades reconhecidas são: o tato, a sensibilidade térmica, a dor e a propriocepção (LENT, 2010). O autor explica, ainda, que o sistema somestésico se subdivide em três, dentre estes destacamos aqui o subsistema exteroceptivo e o interoceptivo. O subsistema interoceptivo reúne informações como dor, temperatura e metabolismo. É a partir dele que sentimos as sensações de bem-estar e de mal-estar; a esse subsistema está relacionada a emoção, conceito que será abordado mais à frente. Neste ponto, focaremos, porém, no subsistema exteroceptivo. Com receptores situados na pele e na mucosa, ele é rápido, discriminativo e tem como principal submodalidade o tato, capaz de detectar as características dos objetos pelo toque na superfície da pele, seu órgão receptor. Outra característica é que ele possui uma detalhada representação espacial da superfície corporal.

A pele, órgão que reveste todo o corpo humano, tem o papel de nos proteger. Em sua camada mais externa (epiderme) está a função de estabelecer contato com o mundo (NOGUEIRA, 2011). Essa é a modalidade sensorial que permite uma interação real com ele. Algumas áreas da pele possuem maior número de terminações nervosas e, consequentemente, maior sensibilidade; é o caso dos lábios e das pontas dos dedos (LENT, 2010; NOGUEIRA, 2011). Essas regiões são capazes de receber de forma mais detalhada os estímulos, e servem às subdivisões da somestesia. Gibson (1966) propõe que a habilidade do toque seja dividida em toque ativo e toque passivo: o primeiro se



dá quando o estímulo é imposto à pele; e o segundo, quando o indivíduo explora uma superfície. Segundo o autor, o sentido de exploração do toque ativo funciona para obter informações.

---

## **MATERIAIS DO COTIDIANO COMO SUPORTE DA INFORMAÇÃO**

Para Frascara (2006), do ponto de vista do design, devemos observar o processamento mental da informação como um sistema complexo. Para o autor, é importante a diferenciação entre complicado e complexo: o complicado é composto por um alto número de partes separadas com muitas interconexões, podendo ser comparado a um circuito de computador; o complexo, por sua vez, seria um sistema integrado no qual tudo afeta tudo, como, de acordo com o autor, a relação entre duas pessoas.

Nesse estudo, assumimos que os elementos compositivos dos ambientes construídos e/ou dos artefatos, ambos produtos do design, carregam informações em si e sobre si. O estudo da comunicação visual, que é parte da comunicação sensorial, é amplamente debatido no design, mas há ainda uma lacuna existente nos estudos de outros aspectos das modalidades sensoriais. Sobre a atenção destinada aos aspectos visuais, Pallasmaa (2011) denuncia a hegemonia da visão sobre os demais sentidos como sendo responsável pela limitação das experiências humanas na relação com os ambientes. Para o autor, a visão nos afasta do mundo enquanto os outros sentidos nos aproximam dele. Ressaltamos, porém, que essa afirmação não busca censurar a visão, contudo almeja alertar para a importância da exploração das demais modalidades sensoriais, sobretudo no tratamento dado a estas em projetos.

Quando consideramos a vivência cotidiana dos indivíduos na sociedade urbana contemporânea, é fácil afirmar que durante a maior parte do tempo as pessoas estão nos interiores de edifícios, chegando a um índice de 93% do tempo de vida, de acordo com Ching e Binggeli (2019). Os edifícios são, por sua vez, cheios de outros artefatos que utilizamos para dar suporte às nossas atividades,



configurando o que conhecemos por ambiente<sup>04</sup>. Ambos, o ambiente e seus artefatos componentes são possíveis objetos de design e estão constantemente enviando estímulos que são captados pelas pessoas que os vivenciam cotidianamente.

De acordo com Dias (2011), uma das grandes dificuldades para o designer contemporâneo é a escolha dos materiais para manufatura de produtos. A autora elenca requisitos como: exigências funcionais, economia, sustentabilidade e estética, entre outros, que são considerados no momento da definição dos materiais. Ela afirma, ainda, que compreender como as pessoas reagem às propriedades sensoriais dos materiais durante o seu uso demarca mais um importante requisito, ainda pouco estudado, porém com potencial de melhorar a vivência do usuário. A pesquisa apresentada a seguir está pautada no pressuposto de que os materiais informam sobre eles mesmos, e isso os torna capazes de agregar determinados aspectos à atmosfera do ambiente<sup>05</sup>.

---

04 De acordo com Hsuan-Na (2017), no design, o termo “ambiente” é definido como um espaço ambientado que é percebido como um conjunto de elementos e condições que se adaptam aos indivíduos que o habitam.

05 O termo “atmosfera do ambiente” tem sido recorrente entre os designers de interiores e faz referência às características intangíveis atribuídas aos espaços por seus usuários, características essas que provocam sensações e emoções. Alinhando a configuração do ambiente com o seu propósito.

---

## UMA OBSERVAÇÃO COMPARATIVA A PARTIR DE INTERAÇÕES COM TECIDOS DO COTIDIANO DOMÉSTICO

A partir do tema até aqui exposto, foi realizada uma pesquisa de campo<sup>06</sup> com aplicação de uma vivência corporal guiada<sup>07</sup>, aplicada remotamente, na qual os sujeitos participantes foram conduzidos por interações visuais e táteis com os tecidos da cobertura dos sofás e das cortinas das salas de suas residências. O universo dos sujeitos participantes foi delimitado aos moradores de um condomínio residencial. A participação deu-se de forma voluntária a partir de uma chamada pública veiculada aos meios de comunicação oficiais dos moradores. O grupo final de sujeitos foi composto por 20 participantes.

Para as interações, o protocolo adotado estabeleceu a detecção da presença de tecidos no ambiente com o objetivo de validar a existência dos elementos delimitados (sofá e cortina). Posteriormente, os sujeitos foram conduzidos a realizar a interação visual com o tecido do sofá, não devendo haver contato físico com o artefato durante essa interação. Em seguida, o sujeito foi conduzido a realizar a interação tátil sentado no sofá com os olhos fechados. De modo similar deu-se a continuidade das interações visual e tátil com o tecido da cortina, totalizando 4 (quatro) interações por sujeito.

A coleta das percepções foi realizada a cada interação pela aplicação da técnica de associação livre de palavras (TALP), na qual os sujeitos pertencentes a um determinado grupo são solicitados a citar 5 (cinco) termos que vêm à mente a partir de um termo indutor, referente ao objeto estudado – nesse caso, referente ao objeto da

---

06        Publicada integralmente no ano de 2021, na dissertação de mestrado intitulada “A ROUPA DA CASA: Um estudo da percepção sensorial dos indivíduos quanto aos materiais têxteis aplicados aos ambientes internos.” por Souza (2021).

07        Protocolo de pesquisa realizado de maneira remota, proposto por Souza (2021), desenvolvido como solução ao distanciamento social ocasionado pela pandemia da covid-19 (causada pelo coronavírus SARS-CV-2), que afetou a região nordeste do Brasil a partir do mês de abril do ano de 2020.

interação. Após a identificação inicial do conteúdo, o sujeito é orientado a atribuir uma ordem de importância aos termos evocados. Posteriormente, os dados coletados foram tratados com base na teoria das representações sociais (TRS) de Moscovici (1978) e na teoria do núcleo central (TNC) de Abric (2001)<sup>08</sup>.

Os dados levantados foram observados e organizados em três etapas, possibilitando um melhor aprofundamento do estudo. A primeira etapa de observação contemplou panoramicamente as palavras evocadas em ordem alfabética; a segunda etapa gerou uma reorganização que reduziu os termos em sinônimos; já na terceira etapa houve um reagrupamento por características<sup>09</sup>. As discussões deste capítulo são baseadas nessas três etapas organizacionais, cujos dados foram coletados das interações visual e tátil com o artefato cortina, e tratados para as análises posteriores. Em tempo, dos 20 sujeitos participantes, 14 possuíam cortina na sala.

Para a observação específica das aproximações e dos distanciamentos proposta neste estudo, o Quadro 1, a seguir, apresenta o resumo das etapas 2 (dois) e 3 (três) da observação dos tecidos das cortinas. Com as palavras evocadas a partir das interações visual e tátil com os têxteis do artefato, a redução em grupos de sinônimos e o reagrupamento por características. As duas interações realizadas por cada um dos 14 sujeitos originaram a associação de 165 termos.

---

08 Oriundas da psicologia social, sendo a segunda um desdobramento da primeira. Ambas têm sido aplicadas a pesquisas em design; de acordo com Monteiro (2018), seu uso colabora para uma atividade que considera o sujeito sem desvinculá-lo do seu grupo social. Para Barbosa, Coutinho e Rocha (2017), são especialmente importantes para o design da informação pelo nível de compreensão gerada. Vasconcelos (2017) e Monteiro e Campello (2013) também defendem a exploração dessas teorias em estudos em design.

09 Devido à não padronização das amostras têxteis com as quais os sujeitos interagiram, uma vez que as interações acontecem com os tecidos do cotidiano. Assim, os termos evocados que descreviam, por exemplo, a cor específica da amostra, foram reagrupados apenas no termo “cor”, e o mesmo aconteceu com outras evocações.




<b>EVOCAÇÕES</b>	<b>REDUÇÃO/GRUPO</b>	
<b>Confortável</b>	<b>Confortável</b>	<b>Conforto</b>
<b>Maciez</b>	<b>Maciez</b>	<b>Maciez</b>
<b>Suave, suavidade, delicada</b>	<b>Suavidade</b>	<b>Suavidade</b>
<b>Áspera, rugoso</b>	<b>Rugoso</b>	<b>Textura</b>
<b>Furos minúsculos</b>	<b>Furos minúsculos</b>	
<b>Traçado</b>	<b>Traçado</b>	
<b>Consistência</b>	<b>Consistência</b>	<b>Caimento</b>
<b>Maleável</b>	<b>Maleável</b>	
<b>Bom acabamento</b>	<b>Bom acabamento</b>	<b>Confecção</b>
<b>Bege, branco</b>	<b>Cor</b>	<b>Cores</b>
<b>Clara, claro, escura</b>	<b>Contraste de cor</b>	
<b>Clareza, transparência, transparente</b>	<b>Transparente</b>	<b>Propriedades de reação à luz</b>
<b>Brilhosa</b>	<b>Brilhosa</b>	
<b>Opaca</b>	<b>Opaca</b>	
<b>Aconchegante</b>	<b>Aconchegante</b>	<b>Sensação de bem-estar</b>
<b>Agradável</b>	<b>Agradável</b>	
<b>Harmonia</b>	<b>Harmonia</b>	
<b>Leve, leveza</b>	<b>Leve</b>	
<b>Paz</b>	<b>Paz</b>	
<b>Luz</b>	<b>Luz</b>	<b>Luz</b>
<b>Beleza, bonita, bonito, linda, espetacular, perfeita</b>	<b>Bonito</b>	<b>Beleza</b>
<b>Estilosa</b>	<b>Estilosa</b>	<b>Estilo</b>
<b>Elegância, elegante</b>	<b>Elegante</b>	<b>Elegância</b>
<b>Fino</b>	<b>Fino</b>	<b>Dimensão/ Escala</b>
<b>Grande</b>	<b>Grande</b>	
<b>Linho</b>	<b>Linho</b>	<b>Linho</b>
<b>Surrada</b>	<b>Surrada</b>	<b>Desgaste</b>
<b>Proteção</b>	<b>Proteção</b>	<b>Proteção</b>

**Quadro 1:** agrupamento de evocações da interação visual com a cortina. Fonte: elaborado pela autora – dados da pesquisa de campo (2021).

A partir da interação visual com a cortina, foram, inicialmente, associadas 43 palavras, reduzidas semanticamente a 28. Por fim, foram agrupadas em 18 termos, sendo eles: conforto, maciez, suavidade, textura, caimento, confecção, cores, propriedades de reação à luz, luz, beleza, estilo, elegância, dimensão/escala, linho, desgaste e proteção.

Quanto à interação tátil com a cortina, surgiram 54 palavras, posteriormente reduzidas a 31. Chegando a um agrupamento final de 24 termos, conhecidos em: conforto, maciez, suavidade, delicadeza, textura, aberta, caimento, sensação térmica, seco, claro, aconchegante, sensação de bem-estar, leveza, marcada, bonita, cheirosa, dimensão/escala, contínuo, fixa, privacidade, proteção, costureira, mãe e vento. Os dados podem ser conferidos no Quadro 2, a seguir.



EVOCÇÕES	REDUÇÃO   AGRUPAMENTO	
Confortável, conforto	Confortável	Conforto
Macia, macio, maciez	Maciez	Maciez
Suave	Suave	Suavidade
Delicado, delicada	Delicado	Delicadeza
Áspero, áspera, rugoso, grossa, grosso, sensação de furar a pele	Áspero	Textura
Sedosa, lisa, lisinho	Liso	
Cheio de furinhos	Cheio de furinhos	
Aberta	Aberta	Aberta
Maleável, mole	Maleável	Caimento
Firme	Firme	
Ondulado	Ondulado	
Fresca, fria, frio	Frio	Sensação térmica
Seco	Seco	Seco
Claro	Claro	Claro
Aconchegante, aconchego, agradável	Aconchegante	Aconchego
Alegria, calma, paz	Paz	Sensação de bem-estar
Sensação de bem-estar	Sensação de bem-estar	
Leveza, leve	Leveza	Leveza
Marcada	Marcada	Marcada
Bonita	Bonita	Beleza
Cheirosa	Cheirosa	Cheiro
Arrastando no chão, comprida, extensa	Comprida	Dimensão/escala
Fina	Fina	
Forte	Forte	
Contínuo	Contínuo	Contínuo
Fixa, pendurada, presa	Fixa	Fixa
Privacidade	Privacidade	Privacidade
Proteção	Proteção	Proteção
Costureira	Costureira	Costureira
Mãe	Mãe	Mãe
Vento	Vento	Vento

**Quadro 2:** agrupamento de evocações da interação tátil com a cortina.

Fonte: elaborado pela autora – dados da pesquisa de campo (2021).

Em uma análise comparativa entre os termos evocados nas interações visual e tátil, observamos 9 temas em comum, sendo eles: conforto, macio, suave, textura, caimento, sensação de bem-estar, bonita, dimensão/escala e proteção. A interação tátil gerou um número maior de evocações, bem como ampliou a variação dos termos. Nove termos surgiram na interação visual e que não apareceram na interação tátil; destacamos que dois são referentes às características das cores dos tecidos (cor e contraste de cor), outros dois relativos à luz (luz e propriedades de reação à luz). Os demais temas foram: confecção, estilosa, elegante, linho e surrada. Já os termos exclusivos da interação tátil totalizaram 15, sendo eles: delicado, aberta, sensação térmica, seco, claro, aconchegante, leve, marcada, cheirosa, contínua, fixa, privacidade, vento, mãe e costureira. Revelando uma ampliação na variação de termos evocados nas interações com predominância da modalidade sensorial da somestesia-tato.

Ponderamos que os temas oriundos das interações visuais somam elementos que são perceptíveis apenas com o uso dessa modalidade (a exemplo de “cores” e “propriedades de reação à luz”) a aspectos que são evocados pela memória sensorial de experiências anteriores com o material (como “maciez” e “suavidade”). Esses fatores reforçam que a predominância da visão se vale da percepção de elementos que dependem exclusivamente de sua modalidade e do impacto da conexão entre os sentidos, que permite, nesse caso, por meio da representação, aproximar o ser humano dos elementos que o cercam. Em contrapartida, reforça ainda que o contato do corpo com o material, possibilitado pela pele, proporciona a experiência real de captação direta das características do objeto.

Os resultados reafirmam a relevância da exploração do tato como uma ferramenta humana receptora das mensagens de um ambiente. O tato, sendo a modalidade que nos coloca em contato real com o mundo, possibilita uma gama extensa de percepções, ao passo que alimenta os registros de experiências que podem ser utilizados pela visão por meio de evocação da memória do indivíduo, uma vez que a visão, como modalidade sensorial que funciona por representações, busca constantemente esses dados.



---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observar aproximações e distanciamentos a partir do o que os indivíduos atribuem como informações referentes aos tecidos de seus cotidianos domésticos, comparando os resultados obtidos na interação predominantemente da visão, em contraponto com os resultados obtidos na interação predominantemente do tato, reafirmou, nesta pesquisa, a relevância da exploração do tato como uma ferramenta humana receptora das mensagens de um ambiente.

Os resultados colaboram para as práticas do design pela validação da relevância da exploração da informação contida nos materiais, em posição de contato direto com os indivíduos, estejam esses nas superfícies da edificação ou dos artefatos que compõem os ambientes. A análise dos resultados indica, seguramente, que a exploração de outras modalidades sensoriais, além da visão, é capaz de proporcionar aos indivíduos uma relação mais profunda e abrangente durante suas vivências em ambientes de interiores.

Os materiais informam sobre eles mesmos e, em seu contexto de vivência cotidiana, são capazes de atribuir aspectos relevantes à atmosfera do ambiente. Assim, o entendimento dessas informações e do próprio processo de comunicação configura-se um passo importante para a organização das informações transmitidas pela composição dos produtos e de ambiência dos espaços.

---

## BIBLIOGRAFIA

ABRIC, Jean-Claude. Práticas sociais y representaciones. México: Ediciones Coyoacán, S. A. de C. V., 2001.

BARBOSA, Natália C.; BARROCAS, Luiza B.; COUTINHO, Solange G.; ROCHA, Maria Alice V.; Design da informação e teoria da representação social: possíveis diálogos teóricos, p. 1244-1249 . In: São Paulo: Blucher, 2018. pp. 1244-1249. ISSN 2318-6968, DOI 10.5151/cidi2017-117.

CHING, Francis C. K.; BINGGELI, Corky. Arquitetura de interiores ilustrada. 4 ed. Porto Alegre: Bookman, 2019.

COUTINHO, Maria da P. de L.; DU BÚ, Emerson. A técnica de associação livre de palavras sobre o prisma do software tri-deux-mots (version 5.2). Revista Campo do *Saber*. P 2019-243. ISSN 2447-5017. 2017.

DAMÁSIO, António. O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DIAS, Maria R. A. C. Percepção dos materiais pelos usuários: modelo de avaliação Permatius. 2009. Tese (Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

FRASCARA, Jorge. El poder de la imagen: Reflexiones sobre comunicación visual. 1ª ed. 1ª reimp. – Buenos Aires: Infinito, 2006.

FREITAS, Ranielder F.; WAECHTER, Hans da Nóbrega; COUTINHO, Solange G. Análise de metodologias em design: a informação tratada por diferentes olhares. Estudos em Design (Online), v. 21, n. 1, pp. 1-15, 2013. Disponível em: <https://estudosemdesign.emnuvens.com.br/design/article/view/111>. Acesso em: 2 mar. 2019.

GIBSON, James J. The senses considered as perceptual systems. Boston: Houghton Mifflin, 1966.

HSUAN-AN, Tai. Design: conceitos e métodos. São Paulo: Blucher, 2017

LENT, Roberto. Cem bilhões de neurônios: conceitos fundamentais de neurociências. 2. edição. São Paulo: Atheneus, 2010.

MONTEIRO, Maria. C. M.; CAMPELLO, Silvio R. B. B. Teoria das representações sociais como ferramenta metodológica nos processos de design. *Revista Brasileira de Design da Informação*. São Paulo, V. 10 N. 3, 2013, pp. 274-292.

MONTEIRO, Maria. C. M. Grupo social e os sentidos compartilhados como unidades de análise: uma perspectiva metodológica da teoria das representações sociais no processo configurativo do Design. Recife, 2018. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Design, 2018.

MOSCOVICI, Serge. Representações sociais, investigações em psicologia social. 9ª edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011.

NOGUEIRA, Clarinda da G. S. Análise sensorial de produtos têxteis. Tese (Doutorado em Engenharia Têxtil) – UMINHO, Portugal, 2011.

PALLASMAA, Juhani. Os olhos da pele – a arquitetura e os sentidos. Porto Alegre: Bookman, 2011.

PALLASMAA, J. Habitar. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

SOUZA, Rebecca Vanessa Bandeira Rodrigues de. A roupa da casa: um estudo da percepçãoaz sensorial dos indivíduos quanto aos materiais têxteis aplicados aos ambientes internos / Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Design – Recife, 2021.

STALLYBRASS, Peter. O casaco de Marx. Roupas, memória, dor. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

VASCONCELOS, Camila Brito de. Memória, patrimônio, inovação e design: o caso do ladrilho hidráulico – *o design frente a preservação dos artefatos de memória e do patrimônio cultural*. Recife: UFPE, 2017.